



O PESO DA POLÍTICA NAS LETRAS DA BANDA METALLICA

The Weight of Politics in the Lyrics of the Band Metallica

Le poids de la politique dans les paroles du groupe Metallica

Lucas Silva de Oliveira¹

Resumo: Formada em 1981, o *Metallica* é uma banda estadunidense precursora do *Thrash Metal*, um estilo que é caracterizado pelo seu ritmo agressivo, com guitarras distorcidas, solos rápidos, muito presente durante a década de 1980. Ao todo, eles lançaram onze álbuns de estúdio e se tornaram uma das bandas mais bem-sucedidas da história. Apesar de seu sucesso, o grupo foi envolto em polêmicas recentes acerca de sua postura “apolítica”, defendida principalmente por seu vocalista e *frontman* James Hetfield. Essa imagem contrasta com o conteúdo de suas músicas. Nosso trabalho se concentrou na análise das letras compostas em seus álbuns lançados entre 1981 a 1991, assim como clipes lançados a partir de 2008. Identificamos que a discografia da banda está permeada de músicas com temas políticos, principalmente críticos à guerra. Tais temas eram quase onipresentes nas letras. Assim, este trabalho tem o objetivo de analisar as representações políticas na discografia do *Metallica* e como suas letras podem ajudar a entender o contexto político dos Estados Unidos.

Palavras-chave: Metallica. Heavy Metal. Política. Era Reagan. Música.

Abstract: Formed in 1981, Metallica is an American band that was a precursor to Thrash Metal, a style characterized by its aggressive rhythm, distorted guitars, and fast solos, which was very popular during the 1980s. In total, they released eleven studio albums and became one of the most successful bands in history. Despite their success, the group has been embroiled in recent controversies regarding their “apolitical” stance, defended mainly by their vocalist and frontman James Hetfield. This image contrasts with the content of their songs. Our work focused on analyzing the lyrics written on their albums released between 1981 and 1991, as well as music videos released since 2008. We identified that the band’s discography is permeated by songs with political themes, mainly criticizing war. Such themes were almost omnipresent in their lyrics. Thus, this work aims to analyze the political representations in Metallica's discography and how their lyrics can help to understand the political context of the United States.

Keywords: Metallica. Heavy Metal. Politics. Reagan Era. Music.

¹ Mestre em História Política pela UEM (Universidade Estadual de Maringá), Maringá, Paraná, Brasil. Atualmente, com bolsa Capes, é doutorando pela mesma universidade. E-mail: lucassuem@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2235691750831884>. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-3596-9941>.

Résumé: Formé en 1981, Metallica est un groupe américain précurseur du Thrash Metal, un style qui se caractérise par son rythme agressif, avec des guitares distordues, des solos rapides, très présent dans les années 1980. Au total, ils sortent onze albums studio et deviennent un groupe américain. l'un des groupes les plus réussis de l'histoire. Malgré son succès, le groupe a été impliqué dans des controverses récentes concernant sa position « apolitique », défendue principalement par son chanteur et leader James Hetfield. Cette image correspond au contenu de ses chansons. Notre travail s'est concentré sur l'analyse des paroles composées sur leurs albums sortis entre 1981 et 1991, ainsi que sur les clips sortis à partir de 2008. Nous avons identifié que la discographie du groupe est imprégnée de chansons aux thèmes politiques, principalement critiques sur la guerre. De tels thèmes étaient presque omniprésents dans les paroles. Ainsi, ce travail vise à analyser les représentations politiques dans la discographie de Metallica et comment leurs paroles peuvent aider à comprendre le contexte politique des États-Unis.

Mots-clés: Metallica. Heavy Métal. Politique. L'ère Reagan. Musique.

Introdução

Formada em 1981 em Los Angeles na Califórnia, o *Metallica* lançou onze álbuns de estúdio, recebeu nove prêmios *Grammy* e entrou para o *Rock and Roll Hall of Fame* em 2009, além de ter vendido 150 milhões de discos ao redor do mundo. Tudo isso mostra uma história de sucesso, mas não menos permeada por várias polêmicas ao longo da carreira. Em anos recentes, a banda tem sido acusada por fãs de ser apolítica e se negar a tomar posições frente à períodos conturbados da política estadunidense.

Parte dessa crítica se dá pelo fato do vocalista e *frontman* James Hetfield, recusar a comentar quaisquer posições políticas que ele venha a ter, o que contrasta com a postura de seus colegas. Recentemente, uma declaração do músico acabou ressurgindo e virou pauta entre os meios especializados e fãs. A entrevista concedida ao canal alemão *3sat* em 2008, após o lançamento de seu então novo trabalho *Death Magnetic* (2008), James Hetfield respondeu uma pergunta sobre a ligação entre o *Heavy Metal*, política e a postura da banda a esse respeito, em que disse:

A nossa música... eu acho que estamos falando de uma emoção humana, espero que um sentimento universal sobre, sabe, os sentimentos de humanos. Não estamos tentando fazer uma afirmação; acho que a afirmação que estamos fazendo é que morte, medo, confusão, maravilhas... [são] emoções humanas, você pode anexá-las politicamente se quiser, mas realmente me incomoda quando músicos populares ou qualquer outra celebridade sejam tão briguentos quando falam de suas crenças políticas. Eu acho que isso é liberdade de expressão e eu amo isso, eles podem fazer isso o quanto quiserem, mas o que me incomoda é que as pessoas acreditam que suas opiniões são mais importantes porque eles são populares. Eu não acredito nisso. E eu só não

quero apoiar alguém porque uma semana depois essa pessoa pode dizer algo que eu não concordo! É colocar a nossa música em uma pessoa, para que ela leve isso a algum lugar. Pra mim, isso faz as coisas perderem o valor. Eu acho que a nossa música vai além da política; política me entedia. A política, ela separa — especialmente nos EUA, pra mim — ela separa as pessoas, e eu quero que [a nossa música] siga o outro caminho. Então, você sempre vai perder alguns fãs se você disser algo que talvez você acredite politicamente. Eu quero ir além disso e ser humano. Eu acho que dentro da banda há várias opiniões diferentes; nós todos somos bastante opostos e tudo bem. Essa é provavelmente a maior razão pela qual não falamos de política, porque não fala por todos de nós. A minha teoria é de que, nos EUA, pelo menos, os dois partidos precisam um do outro e [a balança] vai [para um lado] e depois [para o outro] e é a mesma coisa sempre. Eles se equilibram, se cancelam. Mas eu prefiro que eles se cancelem através de movimentos positivos do que arremessando lama [um no outro] ou [com] negatividade. Eles tentam ganhar popularidade com a negatividade, e eu não gosto disso. Então, sim, na banda, há crenças diferentes. Então não haveria [uma opinião] universal, mas eu acredito... eu tenho fé na humanidade, de que o desejo de sobreviver e o desejo de fazer a coisa certa sempre vai ser vitorioso (HETFIELD, 2008, tradução nossa)².

Essa declaração se tornou polêmica, pois mostrou que a postura de Hetfield de manter suas opiniões políticas para si, o que refletiu e ainda reflete na postura da própria banda em se isentar de tomar uma postura como um grupo. Ao mesmo tempo, é importante ressaltar que decidir por não emitir opiniões é, também, um posicionamento político.

Curiosamente, essa postura é algo pouco característico no cenário estadunidense, em que frequentemente bandas e seus membros assumiram posições políticas, especialmente após a eleição de Donald Trump. Um exemplo disso foi a recusa de Hetfield em expressar sua opinião sobre o novo presidente. Ao ser perguntado como avaliava os primeiros meses de Trump na Casa Branca, Hetfield disse: “Todo mundo tem uma opinião sobre Donald Trump, eu acho. Minha opinião fica comigo” (BALABER MOUTH, 2017, tradução nossa)³. E continuou:

² Fonte: Interview with James Hetfield 4.9.2008 - 3 SAT (part 2). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UrpY8V5JBy4&t=287s>. Acessado em: 24 abr 2024.

³ Fonte: BALABER MOUTH. Metallica's James Heftield Donald Trump: 'My Opinion Stays With Me'. Disponível em: <https://blabbermouth.net/news/metallica-james-hetfield-on-donald-trump-my-opinion-stays-with-me>. Acessado em: 24 abr 2024.

Eu odeio política. Não quero falar sobre política. Não é importante para mim. O que é importante para mim é conectar as pessoas com a música. Política, religião... coisas que separam... separam as pessoas. Eles fazem as pessoas... [...] eu adoro falar sobre isso e o que penso, mas acho que atrapalha a gente entender tudo de vocês. [...] Mas sim, política, a gente tenta ficar longe disso porque polariza as pessoas. Se eu sentar aqui e disser que odeio Trump ou amo Trump, alguém pensará: 'Oh, não gosto mais da música dele.' É bobagem. Então eu gosto de falar sobre música (BALABER MOUTH, 2017, tradução nossa).

Por outro lado, o baterista Lars Ulrich e o guitarrista solo Kirk Hammett, ambos do *Metallica*, expressaram seu descontentamento com as políticas de Donald Trump, especialmente em relação à construção do muro na fronteira com o México. Em uma entrevista para o programa de televisão mexicano *Las Estrellas*, Ulrich que é dinamarquês, disse:

Não acho que o mundo precise de muros. Acho que precisamos unir as pessoas. O *Metallica* viaja por todo o mundo e através da música tentamos unir as pessoas. Portanto, quer estejamos no México, quer estejamos na Ásia, quer estejamos na Europa, ou seja lá o que for, encorajamos tantas pessoas diferentes, de muitas origens diferentes, a unirem-se e a partilharem música, vida, cultura e todas estas experiências (BALABER MOUTH, 2017d, tradução nossa).

No caso de Hammett, o guitarrista expressou em uma série de *tweets* o seu descontentamento com as declarações de Trump em seu discurso inaugural, ao afirmar que “Dizer que a América não é grande, que lhe falta grandeza, cria um cenário para manipulação e controle de outros – prestem atenção, pessoal!” (BALABER MOUTH, 2017, tradução nossa). Outro exemplo é que em outubro de 2016, Ulrich manifestou a possibilidade de voltar a morar na Dinamarca caso Trump fosse eleito⁴.

Apesar dessa postura “apolítica” de Hetfield, algo que é uma imagem exclusivamente recente na história da banda, os álbuns do *Metallica* lançados entre 1984 e 1988, contam com uma quantidade considerável de temas políticos, críticos a religião e a política. Como veremos, os discos mais famosos possuem temas que contrastam muito com a postura atual de seu vocalista, algo que ajuda a entender tanto o contexto em que a banda estava inserida, como a

⁴ Fonte: BALABER MOUTH. *Metallica's James Hetfield Donald Trump: 'My Opinion Stays With Me'*. Disponível em: <https://blabbermouth.net/news/metallica-james-hetfield-on-donald-trump-my-opinion-stays-with-me>. Acessado em: 24 abr 2024.

postura mercadológica de abranger todos os públicos resulta nessa posição da banda, capitaneada por Hetfield.

Para analisar as representações políticas em parte da discografia da banda, usaremos o conceito de Representação formulado por Roger Chartier (1990), que entende que as construções sociais de experiências históricas são resultado da projeção de uma visão de mundo por indivíduos ou grupos sociais. Dessa forma, segundo o autor, esse conceito serve para que o historiador possa “[...] identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 16). Assim, tanto músicas como outras mídias de massa podem ser vistas não como simples representações da realidade, mas também como meios para divulgar determinadas ideias e valores, o que está de acordo com o conceito formulado pelo historiador. Através desse conceito, também, o autor busca oferecer aos historiadores a possibilidade de um novo objeto de análise:

as representações do mundo social que, à revelia dos atores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse (CHARTIER, 1990, p. 19).

Nossa metodologia se baseou na escuta e catalogação das músicas por temas. O processo consistiu em ouvir todos os álbuns e, a partir da letra de cada música, identificar as canções em que a guerra tem um papel mais central na narrativa da letra. É importante destacar que quando nos referimos aos discos da banda como “mais famosos”, estamos nos baseando tanto no número de vendas, como na posição dos *rankings* de álbuns mais vendidos por década. Para isso, utilizamos a plataforma *Best Selling Albums*, que quantifica a venda de álbuns de diversos artistas baseados nas certificações e fontes de cada país. Ao mesmo tempo, entendemos que determinadas músicas podem ser consideradas como as “mais famosas” baseada na frequência com que elas são tocadas nos shows da banda. Nessa questão, utilizamos a plataforma *Setlist Fm*, que compila a quantidade de vezes que as canções foram tocadas pela banda em suas turnês.

Dessa forma, este texto tem como foco a análise da relação entre a banda, seu contexto e a crítica antiguerra que rodeia as músicas do grupo. Para tal, analisaremos algumas músicas lançadas entre os anos de 1984 e 2016, especificamente os álbuns *Ride the Lightning* (1984),

Master of Puppets (1986), ...*And Justice for All* (1988); *Metallica* (1991), *Death Magnetic* (2008) e *Hardwired... to Self-Destruct* (2016).

Metallica e seus discos (1983-2023)

Desde a fundação da banda no ano de 1981, o grupo lançou, ao todo onze álbuns de estúdio e dois álbuns com *covers* de outros artistas. Seus principais trabalhos são: *Kill 'Em All*, lançado em 1983; *Ride the Lightning*, lançado em 1984; *Master of Puppets*, lançado em 1986; ...*And Justice for All*, lançado em 1988; *Metallica*, lançado em 1991; *Load*, lançado em 1996; *Reload*, lançado em 1997; *St. Anger*, lançado em 2003; *Death Magnetic*, lançado em 2008; *Hardwired... to Self-Destruct*, lançado em 2016; e *72 Seasons*, lançado em 2023⁵.

Os quatro primeiros discos da banda são característicos do subgênero *Thrash Metal*, algo que se relaciona com sua sonoridade e o conteúdo das letras de suas músicas. Assim, é importante conceituar o subgênero e suas características musicais. Segundo Tom Leão (1997),

o termo *thrash* (não confundir, como muitos ainda fazem, com “trash”, lixo; *thrash* é igual a pancada, batida, por causa do modo como os adeptos deste gênero se comportam nos shows; e daí a criação do termo headbanger, “batedor de cabeça”, para defini-los) surgiu por volta de 1982 (LEÃO, 1997, p. 161).

Para o autor, esse subgênero pode ser entendido como um dos movimentos mais importantes no *Heavy Metal* desde seu surgimento. O *Thrash Metal* trouxe de volta a postura agressiva e desafiadora dos primeiros anos do gênero, em um momento que a “cena rock americana, no qual, sem um novo rumo a seguir, as bandas *Glam Metal*⁶, de roqueiros *Posers*, mais interessados em *business* que em música, ameaçavam se tornar um padrão no *Heavy Metal* na primeira metade dos anos 80” (LEÃO, 1997, 160).

Um ponto a ser enfatizado é que quase todas as bandas que deram início ao *Thrash Metal* nos Estados Unidos são exclusivamente da Costa Oeste, especificamente da *Bay Area*, região de São Francisco. Por sua proeminência nessa região, “logo formou-se uma cena *thrash*

⁵ Consideramos os álbuns principais aqueles que não contaram com nenhuma canção composta por outro banda ou grupo musical.

⁶ É um dos muitos subgêneros do Heavy Metal. É uma mistura de elementos do Glam Rock (surgido no Reino Unido durante os anos 1970, cujo o apelo visual colocava os músicos usando maquiagens, penteados extravagantes e fantasias) e o Hard Rock, cuja origem estadunidense possui elementos do Rock Psicodélico e do Blues dos anos 1960 e 1970. O subgênero foi bem popular entre a década de 1980 e 1990. Bandas como Kiss, Alice Cooper, T. Rex, Led Zepellin, Bom Jovi, Mötley Crüe, Poison, Ratt e Van Halen podem ser consideradas exemplos.

na cidade que ganhou o apelido de ‘*Bay Área Sound*’” (LEÃO, 1997, p. 163). O *Metallica* foi a grande expoente do subgênero nos anos 1980, e foi seguida de perto de outras bandas, predominantemente estadunidenses/norte-americanas como *Slayer*, *Exodus*, *Megadeth*, *Metal Church*, *Nuclear Assault*, *Napalm Deah*, *Anthrax* e a canadense *Voivod*. Apesar da predominância de bandas estadunidenses, também foi um sucesso na Europa, o que proporcionou o surgimento de bandas na Alemanha e no Reino Unido.

Segundo Leão (1997), em termos musicais, a sonoridade dessas bandas é caracterizado pela agressividade dos vocais e das guitarras, riffs pesados, solos de guitarra rápidos e letras críticas à política e à sociedade. Quanto as temáticas dentro do *Thrash Metal*, Jeroen Buts (2010) identificou diferentes temas, como guerra, armas nucleares, conspirações, ficção científica que tratam de futuras sociedades utópicas ou distópicas, agitação social, violência, ódio contra supostas hipocrisias, políticos e corrupção, poluição, aquecimento global, álcool e morte.

Semelhante à outras bandas do subgênero do *Thrash Metal*, o *Metallica* possui alguns temas que permeiam sua discografia, dos quais foi possível observar ao analisar as letras das canções: guerra, religião, política, horror e ficção científica. Por conta da discografia relativamente extensa e para facilitar a análise, dividimos esses discos em fases específicas da história da banda, pois a mudanças comerciais e pessoais afetaram a composição de seus trabalhos ao longo de sua carreira. A primeira fase compreende os períodos de 1983-1988; a segunda vai de 1991-2003; e a terceira vai de 2008-2022. Aqui vamos apresentar brevemente cada álbum e as músicas a serem analisadas.

Os álbuns *Kill 'Em All*, *Ride the Lightning*, *Master of Puppets* e *...And Justice for All* fazem parte da primeira fase da banda, conhecida como a “Fase Thrash”, que pode ser entendida como o período inicial de 1983 a 1988. Nesse período, a sonoridade da banda estava em desenvolvimento, permeada pelas características já mencionadas do subgênero do *Thrash Metal*, tanto nas letras quanto em seu som.

O primeiro álbum intitulado *Kill 'Em All* (1983) é obviamente o disco que mais contém elementos do *Thrash Metal* ao longo de suas dez músicas. É um disco cru, rápido e frenético, com temas variando entre fantasia, violência e agressão, rebeldia à autoridade, morte e cultura do *Heavy Metal* (em que os estilo de vida é exaltado, como camaradagem e a relação com os fãs). Esse disco particularmente não foi observado qualquer traço de representação política ou

social, apesar de algumas canções do disco, como *Hit the Lights*, *The Four Horsemen* e *Seek and Destroy*, ainda serem parte integrante do *setlist*⁷ da banda até os dias atuais⁸. Segundo o site *Best Selling Albums*, as vendas do disco foram em torno de 4,307,877, ficando em 20º no *ranking* de álbuns mais vendidos naquele ano. Isso se deu, pois, esse disco contou com uma produção independente, o que acarretou em pouco alcance de vendas devido à falta de um selo maior, como ocorreu com os outros álbuns da banda nos anos seguintes.

O segundo álbum, *Ride the Lightning* (1984), difere do primeiro tanto em sonoridade como na temática. Curiosamente, o disco difere, também, no local em que foi gravado, já que foi gravado e mixado na Dinamarca, terra natal de Lars Ulrich. Primeiramente, as músicas desse álbum são o princípio da mudança de som da banda rumo à uma mistura com elementos do *Thrash Metal* e *Heavy Metal* tradicional, assumindo uma faceta mais “progressiva”, com músicas mais longas, arranjos mais bem integrados e melodias complexas. Segundo Mick Wall (2012), o tema que permeava as oito canções era a morte. Em termos temáticos, para nós o álbum contém letras cujo temas vão desde “guerra”, como em *Fight Fire with Fire* e *For Whom the Bell Tolls*; à “crítica política”, como em *Ride the Lightning*; e finalmente à “religião”, como em *Creeping Death*⁹. As duas primeiras são as músicas selecionadas para a análise na seção seguinte. O disco teve um desempenho de vendas melhor que seu antecessor, alcançando a marca de 6,590,906 e a posição de 12º no *ranking* de 1984.

O terceiro álbum, *Master of Puppets* (1986), é considerado pelos fãs como sua “obra prima”. Foi o disco que catapultou o nome do *Metallica* dos círculos do metal *underground*¹⁰ para o mundo. Isso pode ser observado pelo número de vendas, é o terceiro disco mais vendido da banda, com 10 milhões de cópias e o primeiro a trabalho do grupo a figurar entre os dez discos mais vendidos. Musicalmente, o álbum conta com músicas longas, pesadas, rápidas e extremamente complexas. Gravado na Dinamarca, as letras tinham temas relativamente variados, mas certamente eram críticas à sociedade e governos. A faixa título é uma

⁷ Setlist é o termo conhecido entre os fãs de Rock/Heavy Metal e designa a lista de músicas de uma banda a serem tocadas em seus shows.

⁸ Segundo a plataforma *Setlist FM*, as canções *Seek and Destroy* é de longe a canção mais tocada com 1608 execuções ao vivo. Fonte: SETLIST FM. Disponível em: <https://www.setlist.fm/stats/metallica-3bd680c8.html>. Acessado em: 4 set 2024.

⁹ No caso de seu segundo álbum, *Creeping Death* e *For Whom the Bell Tolls* são as canções mais tocadas do álbum *Ride the Lightning*, com cada 1635 e 1605 execuções ao vivo respectivamente. *Fight Fire with Fire* e *Ride the Lightning* contam com 358 e 420 execuções. Fonte: SETLIST FM. Disponível em: <https://www.setlist.fm/stats/metallica-3bd680c8.html>. Acessado em: 4 set 2024.

¹⁰ Termo utilizado para designar bandas que não são conhecidas do grande público. Era usado, também, para designar banda que não eram tocadas nas rádios.

representação crítica do vício em drogas, uma crítica à exploração religiosa em *Leper Messiah* e a música antiguerra *Disposable Heroes*. Esta última será foco de uma análise mais aprofundada a seguir. Curiosamente, a faixa título é a mais famosa da banda, tendo sido executada ao vivo 1755 vezes, enquanto as outras mencionadas acima foram executadas 133 e 160 vezes respectivamente¹¹.

O quarto álbum, intitulado *...And Justice for All* (1988), é o último disco da “Fase Thrash” da banda. Em termos comerciais, foi até então o disco mais vendido da banda, acumulando um total de 11,060,441 vendas¹². Musicalmente, a banda manteve o peso dos álbuns anteriores, mas com algumas mudanças na sonoridade, como a ausência do baixo; mas mantiveram as músicas longas, progressivas e rápidas. Tematicamente, o álbum apresentou uma surpreendente variedade de temas políticos, com destaque para as faixas *Blackened* (holocausto ambiental), *...And Justice for All* (injustiça), *Eyes of the Beholder* (liberdade de expressão), *One* (horrores da guerra), *The Shortest Straw* (injustiça/falsas acusações) e *Dyers Eve* (religião). *One* é de longe a música mais famosa desse disco, com um total de 1596 execuções ao vivo¹³. É, também, o primeiro disco que contou com a participação do novo baixista, Jason Newsted, que entrou para a banda após a trágica morte de Cliff Burton em 1986.

O quinto, o autointitulado *Metallica* (1991), ou simplesmente o “álbum preto”, devido à sua capa preta, foi o disco que consagrou o *Metallica* como uma banda mundialmente conhecida, alçando-a à categoria de “banda de estádio”. Faz parte da “Fase Comercial” da banda, que vai de 1991 a 2003. O disco vendeu mais do que todos os outros juntos somados, alcançando a impressionante marca de 33 milhões de cópias. É, segundo Mick Wall (2012), o divisor de águas tanto para os fãs como para banda. Sua sonoridade manteve o peso dos álbuns anteriores, mas as músicas deixaram de ser progressivas e ficaram mais curtas e menos complexas, especialmente para caberem dentro da carga horária das rádios. Grande parte da mudança se deve ao produtor Bob Rock, que participou ativamente da composição a ponto de incomodar James Hetfield e Lars Ulrich, pois a dupla que tinha o papel exclusivo de composição das letras nos álbuns anteriores (WALL, 2012). Curiosamente, a mudança de

¹¹ Fonte: SETLIST FM. Disponível em: <https://www.setlist.fm/stats/metallica-3bd680c8.html>. Acessado em: 4 set 2024.

¹² Fonte: BEST SELLING ALBUMS. *Metallica Album Sales*. Disponível em: https://bestsellingalbums.org/artist/8791#METALLICA_albums_ranked_by_sales. Acessado em: 4 set 2024.

¹³ Fonte: SETLIST FM. Disponível em: <https://www.setlist.fm/stats/metallica-3bd680c8.html>. Acessado em: 4 set 2024.

postura acompanhou uma mudança temática na banda, abandonando temas como guerra e política, para focar em questões pessoais e individuais. Porém, uma música se destaca: *Don't Thread On Me*, a qual analisaremos mais adiante.

O sexto e sétimo álbuns, respectivamente *Load* (1996) e *Reload* (1997), marcam um ponto de inflexão na carreira da banda. Tanto sua sonoridade como as letras mudaram completamente, abandonando a veia do *Heavy Metal* e adotando um altamente influenciado pela onda do Grunge, este que estava em alta durante a década de 1990, vindo da Costa Oeste com as bandas *Nirvana*, *Pearl Jam* e *Soundgarden*. Ambos os álbuns renderam críticas à banda por “se venderem”, o que não deixou de ter um fundo de verdade, pois como afirmou Mick Wall (2012), a composição de ambos os discos foram uma aposta comercial de Lars Ulrich para manter a banda em evidência durante as rápidas mudanças ocorridas naquela década. A título de curiosidade, a mudança não se restringiu apenas ao som da banda, que haviam abandonado a afinação padrão (E) e adotado à afinação em meio tom abaixo (Eb); mas também ao visual, com os integrantes abandonando os cabelos grandes e roupas pretas para adotarem cabelos curtos e maquiagem. A respeito dos temas das músicas, nenhum se encaixou em nosso recorte, pois consideramos que as músicas falavam mais de temas pessoais, influenciados pelos anos de abuso de álcool, drogas e longas turnês.

As mudanças impactaram na venda dos discos. *Load* vendeu cerca de 8 milhões de cópias, o que o configura como o quarto álbum mais vendido da banda. Porém, isso é possivelmente um reflexo do nome da banda e a expectativa dos fãs em ouvirem um trabalho recente do grupo após cinco anos do lançamento de seu antecessor. No caso de *Reload*, o impacto pode ser observado no número de vendas (6,627,000). Após 1996, nenhum outro álbum da banda passaria de 5 milhões de vendas.

O oitavo álbum, intitulado *St. Anger* (2003), marcou o ponto mais baixo da carreira do *Metallica*. As desavenças internas, o abuso de drogas e álcool e polêmicas envolvendo direitos autorais no caso do *Napster* permearam toda a produção do disco. Em termos de timbre, a banda foi influenciada pela nova onda do *New Metal*, que estava em ascensão no fim da década de 1990 e início dos anos 2000. A sonoridade da banda abandonou os solos de guitarra, para desgosto do guitarrista Kirk Hammett, e adotou a afinação em *drop C* (dó), o que deixa a guitarra mais grave e pesada. A bateria de Lars Ulrich passou a ter um som de “lata” e as letras foram predominantemente sobre temas pessoais, pois a saída do baixista Jason Newsted e a internação de James Hetfield para tratamento do vício em álcool ditou o tom temático das

canções. O álbum vendeu 5 milhões de cópias. Curiosamente, a composição desse disco, as brigas internas e as discussões foram retratadas no documentário *Some Kind of Monster*, lançado em 2004.

Os três últimos discos da banda compõem a fase mais recente, o que podemos chamar de “Volta às Raízes”, que compreende o período de 2008 a 2022. Essa fase pode, também, marcar a dita postura “apolítica” da banda. O nono álbum, intitulado *Death Magnetic* (2008), marcou a volta da banda para o terreno do *Heavy Metal* e um flerte com suas raízes no *Thrash Metal*. A sonoridade do disco continuou pesada, mas voltou à afinação em E (mi), característica dos álbuns anteriores à 1991, assim como as músicas longas, complexas e com solos rápidos. Na temática, as letras são genéricas, com exceção de uma: *The Day That Never Comes*, que será analisada a seguir. O disco, também, foi o primeiro cujo crédito das músicas foi para todos os membros, diferentemente do que acontecia quando apenas Hetfield e Ulrich eram creditados pelas composições. Foi, também, o primeiro disco da banda a vender menos de 5 milhões de cópias desde 1983, vendendo especificamente 4,011,300¹⁴.

Já o décimo álbum, intitulado *Hardwired... to Self-Destruction* (2016), manteve a mesma característica de seu antecessor. O disco vendeu menos que seu antecessor, com o módico número de 2,409,493 de vendas. Em termos de som e temas, as músicas continuaram pesadas, rápidas e complexas que também manteve as letras genéricas cujos temas variavam. Uma menção, no entanto, precisa ser feita: a canção *Confusion* é a que mais se encaixou em nosso recorte temático, abordando o trauma de veteranos de guerra, o que analisaremos a seguir.

Por fim, seu mais recente trabalho foi o álbum *72 Seasons* (2023). Musicalmente, o disco se manteve fiel à veia *Heavy Metal* da banda, assim como seu padrão de composição. Contudo, as letras tiveram novamente um tom pessoal, às vezes genérico. A plataforma *Best Selling Albums* não contabilizou a vendagem de *72 Seasons*, provavelmente devido ao fato do disco ter sido lançado em um contexto mercadológico diferente, em que o uso das plataformas de *streaming* desempenham um papel maior que a venda de discos propriamente dita.

Como pudemos observar, a discografia do Metallica conta com uma grande quantidade de trabalhos, sendo uma banda muito prolífica e bem sucedida. No entanto, nem todos os seus

¹⁴ É importante destacar que o disco *Garage Inc* de 1998 vendeu menos de quatro milhões de cópias, mas era um disco composto de *covers* e trabalhos de outras bandas e grupos musicais. Como mencionado, nosso foco ficou restrito aos trabalhos compostos pela banda *Metallica* em seus onze álbuns de estúdio.

álbuns contam com canções que se encaixarem em nosso recorte temático. A seguir, iremos analisar as representações políticas nas músicas da banda, com foco para o tema da guerra.

A Representação da Guerra pelas músicas do Metallica

Como mencionado, a temática da guerra é recorrente em músicas e iconografia das bandas de *Thrash Metal*. A representação dessa temática vai desde a guerra convencional até a guerra nuclear¹⁵. Álbuns como *Spreading the Disease* (1985), da banda *Anthrax*; *Peace Sells... But Who's Buying?*, da banda *Megadeth* (1986); *Game Over* (1986), da banda *Nuclear Assault*; *Persecution Mania* (1987), da banda alemã *Sodom*; *The Ultra-Violence* (1987), da banda *Death Angel*; e *Rust in Peace* (1990), do *Megadeth*; mostram de maneira explícita a paranoia nuclear que estava em voga ao longo da década de 1980¹⁶.

Segundo Samir Puri (2010), a representação da guerra no metal resulta em “posturas líricas [que] podem variar entre a veneração patriótica da história militar e a crítica aberta à guerra” (PURI, 2010)¹⁷. Assim, para ele há três categorias que os músicos e as bandas abordam o tema da guerra: “A primeira é a abordagem do contador de histórias; a segunda enfatiza o horror visceral da batalha, e a terceira é a repulsa pelo sofrimento e pela exploração inerentes à guerra” (PURI, 2010).

As letras do Metallica, cujo tema principal é a guerra, conseguem transitar entre as três categorias, com uma predominância maior das duas últimas. Ao todo, a banda possui seis músicas cujo tema é direta ou indiretamente a guerra ao longo de toda sua carreira: as citadas *Fight Fire with Fire* e *For Whom the Bell Tolls*, do disco *Ride the Lightning* (1984); *Disposable Heroes*, do disco *Master of Puppets* (1986); *One*, do disco *...And Justice for All*; *The Day that*

¹⁵ Buscamos diferenciar guerra convencional da guerra nuclear. A primeira tem seu impacto limitado à área de combate e utiliza soldados ou equipamentos bélicos com menor poder destrutivo para alcançar um objetivo estratégico. Enquanto a segunda como um conflito altamente destrutivo e em larga escala, com impactos ambientais o planeta cujo objetivo é a destruição total de um inimigo.

¹⁶ A noção de “paranoia nuclear” permeou todo o período da chamada Guerra Fria, em que segundo Eric Hobsbawm (1995), “gerações inteiras se criaram à sombra de batalhas nucleares globais que, acreditava-se firmemente, podiam estourar a qualquer momento, e devastar a humanidade” (HOBBSAWM, 1996, p. 224). Isso resultou em uma profusão de produtos culturais que baseavam seu medo alarmista de uma guerra nuclear, como filmes, livros e histórias em quadrinhos. Ao mesmo tempo, a disputa armamentista entre Estados Unidos e União Soviética, em que a criação de arsenais maiores e mais eficientes só contribuíram para que a ideia da destruição da humanidade fosse algo factível.

¹⁷ Fonte: PURI, Samir. Heavy Metal's Portrayal of Warfare Obsession and Sonic Violence. In: ENTERTAINMENT, Atmosfear. **Opinions**. [S. l.], 3 out. 2010. Disponível em: <https://www.com/opinions/listenings/heavy-metal-portrayal-warfare-obsession-sonic-violence/>. Acesso em: 5 jun. 2024.

Never Comes, do disco *Death Magnetic* (2008); e *Confusion*, do disco *Hardwired... to Self-Destruct* (2016).

A primeira canção do segundo disco da banda, intitulada *Fight Fire with Fire* [Combata Fogo com Fogo] é uma música com um teor permeado pelo medo nuclear, característico da segunda metade do século XX. Na segunda estrofe, isso fica mais explícito. Diz:

Reduzindo o universo
A nada
Guerra nuclear
Nos porá todos para descansar
(ULRICH; HETFIELD; BURTON, 1984).

Tanto o seu título como sua letra buscam representar a chamada MAD [Destruição Mútua Assegurada], doutrina nuclear da época que preconizava um ataque nuclear como resposta ao ataque inicial. O refrão sugere essa questão:

Combata fogo contra fogo
O fim está próximo
Combata fogo contra fogo
Cheio de medo
(ULRICH; HETFIELD; BURTON, 1984)

Além de expressar o medo atômico que permeava a sociedade Ocidental, o refrão ainda dá um tom religioso ao associarem a guerra nuclear com o apocalipse bíblico. “Combata fogo com fogo”, como sugere o refrão, é uma crítica à violência mútua que arrastava a humanidade em uma marcha para a destruição. A canção ainda termina com um clímax apocalíptico ao que parece o som de um míssil caindo que soa como uma explosão.

É possível, também, que a canção tenha sido inspirada pela retomada das hostilidades entre Estados Unidos e União Soviética justamente sob a presidência de Ronald Reagan, um anticomunista ferrenho. Segundo Maiocchi (1993):

Até a metade dos anos 70 prevalecera a convicção de que a guerra nuclear era impensável, pelo próprio fato das suas consequências catastróficas. Entretanto, nos anos seguintes começou-se a “pensar o impensável”, a elaborar a hipótese sobre o possível andamento de uma guerra nuclear e sobre o modo de vencê-la. O MAD – princípio de destruição mútua garantida – não parecia mais tão óbvio e seguro, o que abalava a confiança na estabilidade do equilíbrio do terror (MAIOCCHI, 1993, p. 106).

Outra hipótese, também, pode ser o fato de que o álbum *Ride the Lightning* foi gravado na Dinamarca, país membro da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) e estava na linha de frente entre o Ocidente e o Pacto de Varsóvia, o que pode ter inspirado os jovens a comporem uma música sobre a destruição por uma guerra nuclear, um tema muito debatido naquele período.

Já *For Whom the Bell Tolls*, *Disposable Heroes* e *One* fazem parte das categorias citadas por Puri (2010), especificamente o horror visceral da batalha e a repulsa pelo sofrimento decorrente da guerra. No caso da primeira música, ela baseada no romance homônimo de Ernest Hemingway [Por Quem os Sinos Dobram], que narra a história de um voluntário estadunidense lutando na Guerra Civil Espanhola pelos republicanos, lado leal à República Espanhola. Essa canção sugere uma justificativa moral do por que dos soldados estarem lutando. Na primeira estrofe, é dito

Ele luta em cima da colina na madrugada
Um constante calafrio na espinha
Sons de tiros percorrendo a enorme névoa cinza
Lutando, pois eles estão certos, sim, quem saberia dizer?
Homens matariam por uma colina, porquê? Não saberiam dizer
Feridas profundas testam seus orgulhos
Cinco homens, a fúria incessante os mantém vivos
Ficando loucos pela dor que eles com certeza conhecem
(ULRICH; HETFIELD; BURTON, 1984).

Hemingway utilizou suas experiências pessoais como voluntário na Guerra Civil Espanhola e colocou em seu livro uma crítica à atuação de ambos os lados que lutaram na guerra. O título do livro é uma referência ao poema do pastor e escritor inglês John Donne, que foi crítico do que chamou de “luta entre irmãos”. Ao sugerir que “*Lutando, pois eles estão certos, sim, quem saberia dizer?*”, a canção questiona se apesar de toda a matança envolvida, eles estariam certos mesmo lutando pelo lado republicano, em oposição aos fascistas liderados por Francisco Franco.

Já a canção *Disposable Heroes* (Heróis Descartáveis), do álbum *Master of Puppets* (1986), possui um conteúdo altamente antiguerra e crítico à maneira como os soldados são tratados em guerras sem sentido. Similar a narrativas com teor pacifista e crítica à guerra, como o livro do alemão Erich Maria Remarque, *Nada de Novo no Front*, a letra da música mostra de maneira crua e direta a brutalidade do campo de batalha. A canção assume dois pontos de vista:

o do soldado, que se questiona o porquê de estar lutando naquela guerra; e o do comandante, que ordena ao soldado voltar para o front.

Corpos enchem os campos que vejo, heróis famintos morrem
Não há mais ninguém para brincar de soldado agora, ninguém para fingir
Correndo cego pelos campos da matança, nasci para matar todos eles
Vítima do que disseram que eu iria ser
Um servo até eu cair
(ULRICH, HETFIELD, HAMMETT, 1986).

O pré-refrão descreve, do ponto de vista do comandante. A letra deixa implícito que o comandante controlava os soldados como marionetes – já que este é o tema central do álbum, como indica seu nome –, um soldado raso que compunha a esmagadora maioria da tropa.

Soldadinho, feito de argila
Agora, uma carapaça vazia
Vinte e um [anos], filho único
Mas ele nos serviu bem
Criado para matar, não para se importar
Faça apenas o que mandamos
Terminado aqui, conheça a morte
Ele é seu, você pode levar embora (ULRICH, HETFIELD, HAMMETT, 1986).

Ao dizer “*Criado para matar, não para se importar*”, a intenção da canção é lançar uma crítica à maneira como uma sociedade militarista pensa(va) seus filhos. No caso das sociedades europeias pré-Primeira Guerra Mundial, cujo o militarismo é o pilar central da vida em comunidade, o nacionalismo exacerbado tinha como foco retirar dos soldados suas capacidades de enxergarem seus inimigos como humanos, afinal eles nasceram para matar e não para se importar. No caso dos Estados Unidos, o militarismo é um aspecto muito presente na vida cultural do país.

No refrão, a perspectiva passa para o ponto de vista do comandante, que manda o soldado para o campo de batalha e para fazer o que ele mandar, ou seja, para morrer.

Volte ao front [de batalha]!
Você vai fazer o que eu disser, quando eu disser
Volte ao front [de batalha]!
Você vai morrer quando eu disser: "Você deve morrer"
Volte ao front [de batalha]!
Seu covarde!
Seu servo!
Seu cego! (ULRICH, HETFIELD, HAMMETT, 1986)

No verso antes do solo de guitarra, a canção intercala entre assumir o ponto de vista do soldado se questionando o por que estaria morrendo naquela guerra; e as respostas do comandante, ordenando-o a matar e mentir:

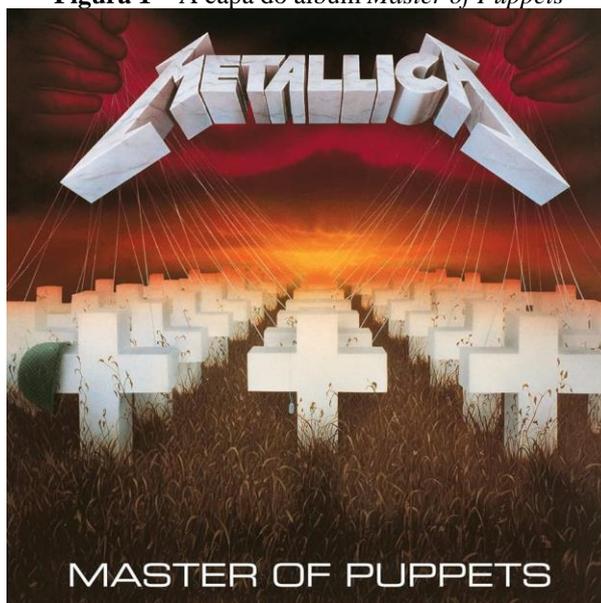
Porque, estou morrendo?
Mate, não tenha medo
Minta, faça uma vida de mentiras
Inferno, o Inferno é aqui (ULRICH, HETFIELD, HAMMETT, 1986).

Por fim, a última estrofe é interessante, pois através da perspectiva do soldado ele afirmou que sua vida já havia sido planejada antes de seu nascimento, de modo que não poderia ter opinado sobre seu próprio destino.

Minha vida, planejada antes de meu nascimento,
nada que eu pudesse opinar
Não tive chance de ver como sou, fui moldado dia após dia
Olho para os dias que se passaram, eu percebo, que nada fiz
Fui deixado para morrer com uma única amiga
Sozinho, seguro minha arma (ULRICH, HETFIELD, HAMMETT, 1986)

Ao dizer que foi “*moldado dia após dia*” para aquela situação ou aquela “carreira”, nesse caso a carreira militar, o soldado queria demonstrar que não tinha escolhido aquela vida. Essa passagem pode indicar um traço do militarismo presente na sociedade estadunidense, de modo que geração após geração de membros de uma mesma família acabam por exercer a carreira militar.

Figura 1 – A capa do álbum *Master of Puppets*



Fonte: Metallica, 1986¹⁸.

Além da característica antiguerra presente na canção *Disposable Heroes*, ela também está presente na capa do álbum *Master of Puppets*. Como podemos observar pela imagem acima, há várias lápides em formato de cruz, semelhante ao *Normandy American Cemetery and Memorial*, um cemitério militar para soldados localizado na Normandia, França. Sabemos disso, pois, a disposição das lápides não só lembram o local, como há dois elementos visuais na imagem: um capacete depositado em uma cruz à esquerda, que possivelmente é um capacete usado pelos soldados estadunidenses durante a Segunda Guerra Mundial; e ao centro, uma placa de identificação também depositada na lápide. Todas as lápides possuem cordas no topo, como marionetes, em que um par de mãos “conduz”, semelhante à perspectiva do comandante na faixa *Disposable Heroes*.

A diante, outra música cujo tema central é os efeitos da guerra é *One*, do álbum *...And Justice for All* (1988). Enquanto *For Whom the Bell Tolls* e *Disposable Heroes* abordam duas das categorias definidas por Puri (2010), *One* aborda apenas uma: a repulsa pelo sofrimento e pela exploração inerentes à guerra.

Narrada em primeira pessoa, a letra retrata um soldado que está agonizando em um hospital após perder seus sentidos em um ataque. Mais do que isso, a canção foi inspirada no

¹⁸ Fonte: Metallica. Disponível em: <https://www.metallica.com/releases/albums/master-of-puppets-album.html>. Acessado em: 06 jun 2024.

livro *Johnny Got His Guns* [Johnny vai à Guerra], de Dalton Trumbo. O livro é sobre um soldado que lutou na Primeira Guerra Mundial, e que após ser vítima de um tiro de artilharia, percebeu que perdeu sua mobilidade e seus sentidos – perdeu seus olhos, braços, pernas, a fala, a audição e parte dos pulmões, sendo um prisioneiro em seu próprio corpo.

A história de Bonham um garoto norte-americano de boa aparência, estimulado pelo pai patriota a lutar na Primeira Guerra Mundial e a se portar de maneira “corajosa” quando uma bomba alemã explode próximo dele, fazendo-o perder as pernas, os olhos, os ouvidos, a boca e o nariz. Depois de se conscientizar de suas terríveis circunstâncias no hospital, rodeado de médicos e enfermeiras horrorizados, Bonham usa a única parte do corpo que ainda é capaz para controlar, a cabeça, para transmitir uma mensagem em código Morse: “Por favor, me mate” (WALL, 2012, p. 286).

Durante as estrofes, James Hetfield emprestou sua voz a Bonham, que reza pela morte, pois não consegue e não quer mais viver. O refrão central, *'Oh, por favor, Deus, me ajude!'*, transmite ao ouvinte o sentimento antiguerra. Curiosamente, não contentes em usarem o livro de Trumbo como inspiração para a canção, utilizaram, também, a adaptação cinematográfica para seu clipe oficial. O livro ganhou uma adaptação homônima para o cinema, lançado em 1971 e dirigida por Trumbo. O filme foi usado no primeiro clipe da banda, intercalando as cenas dos músicos em um galpão performando a canção, com as cenas do filme.

One não é só a música mais antiguerra do Metallica desde 1986, como foi e ainda é um dos maiores sucessos da banda. Sua performance rendeu ao grupo uma indicação ao *Grammy Awards* de “Melhor performance vocal ou instrumental de hard/heavy metal”, da qual também performaram na cerimônia naquele ano. Como curiosidade, para uma música tão política como *One*, o autor do livro era um comunista que foi colocado na lista negra de Hollywood durante os anos do Macartismo, algo que segundo Wall (2012), os deixaram entusiasmados para usar a adaptação do filme como clipe musical.

Agora cabe a pergunta: O que essas músicas têm em comum? O contraste entre o comentário de James Hetfield sobre a postura sua apolítica e o trabalho da banda durante os anos de 1984 a 1988 é gritante. Em uma entrevista¹⁹, James Hetfield afirmou que teria tido a ideia para compor *Disposable Heroes* após assistir um documentário sobre como os jogadores de futebol americano eram facilmente “descartados” jogo após jogo, ao mesmo tempo que foi

¹⁹ HYPNOTIZING Power: The Story of Master of Puppets. Direção: Stuart Kirwan. Produção: Stuart Kirwan. YouTube: [s. n.], 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XQ-XIOUe0jI&t=1971s>. Acesso em: 6 jun. 2024.

influenciado por um poster de uma criança segurando um rifle M-16, algo visualmente impactante na sua opinião (HYPNOTIZING, 2020). Porém, o fato dessa fala ter sido feita anos após a composição da música como anos após a sua fala sobre a postura “apolítica” da banda, nos parece mais um sintoma de uma mudança de perspectiva do músico, já que pode ser uma tentativa de descolar a imagem da banda da postura antiguerra encontrada na música e no álbum como um todo.

Não podemos afirmar o que aconteceu, mas podemos conjecturar sobre o porquê essas músicas foram compostas. Até aquele momento, a década de 1980 marcou o auge da postura militarista dos Estados Unidos²⁰, principalmente se levarmos em conta duas coisas: a disputa com a União Soviética pela supremacia econômica e militar; e o fato de que a presença das cicatrizes ainda abertas pela Guerra do Vietnã eram algo que marcaram a sociedade estadunidense. Em especial, a questão da Guerra do Vietnã suscitou um grande debate dentro do país sobre seu papel no conflito, que era visto como uma guerra sem sentido. A derrota e o debate político causado pela guerra, seus mortos e deixaram marcas profundas. Entre outras coisas, Ronald Reagan foi eleito se aproveitando do sentimento do orgulho ferido pela derrota militar no sudeste asiático. Além dessas possibilidades, é possível que os músicos tenham vivido em um país cuja memória da Segunda Guerra Mundial ainda estava viva, como evidenciado pelas referências na capa do álbum *Master of Puppets*.

Curiosamente, apesar da postura antiguerra presente nas músicas analisadas, há àquelas compostas nas fases subsequentes da banda que destoam desse comportamento. Uma delas é *Don't Tread On Me*, a sexta faixa do álbum autointitulado *Metallica*. Essa canção é a música mais política do disco, uma ode ao pensamento libertário escrita por James Hetfield, mas também creditada a Lars Ulrich. O título, uma referência à Bandeira de Gadsden, um símbolo clássico dos Estados Unidos e a marca do movimento libertário²¹. O símbolo da cobra é frequentemente cooptado pela Extrema-Direita.

²⁰ Segundo o site *Macrotrends*, o orçamento militar dos Estados Unidos saltou de 47 bilhões de dólares em 1960, para 321 bilhões em 1989. Se considerarmos isso, até aquele momento os anos 1980 foi, sem dúvidas, o auge do militarismo estadunidense. Fonte: MICROTRENDS. U.S. Military Spending/Defense Budget 1960-2024. Disponível em: www.macrotrends.net/global-metrics/countries/USA/united-states/military-spending-defense-budget. Acessado em: 05 set 2024.

²¹ Segundo Kalina Vanderlei Silva (2009), o libertarismo é uma ideologia política derivada do Liberalismo clássico, e que rejeita o poder do Estado sobre os indivíduos. Para eles, a liberdade como valor supremo dos seres humanos.

A letra evoca imagens de força e resistência sob a perspectiva de provocação à cobra, que aqui podemos conjecturar que seja uma metáfora para os Estados Unidos. Frases como “liberdade ou morte” [*liberty of death*] e “uma vez que você a provoca, agita sua calda” (HETFIELD, ULRICH, 1991) representam a provocação de um sentimento dormente que quando provocado, produz uma reação de luta a qualquer custo. A letra, também, representa o *ethos* estadunidense do início da década de 1990, abortando a ideia de que a paz só é assegurada através da preparação para a guerra. Segundo Mick Wall (2012):

“Don’t tread on me”, uma “God bless America” dos anos 1990, soa um tanto chocante após a postura antiguerra da música mais famosa da banda até então, “One” [...]. Jornalistas que tinham ficado impressionados com o retrato severo de uma vítima da guerra em “One” protestaram, no clima pós-Guerra do Golfo, contra o patriotismo declarado de “Don’t tread on me”, que apontava para um discurso nacionalista um tanto exacerbado. Mas até mesmo para essa polêmica a banda tinha uma resposta. James tinha escrito a música muitos meses antes da invasão do Kuwait, a bandeira que estava louvando não era a dos Estados Unidos, mas, sim, a dos Culpeper Minutemen, da Virgínia, durante a Revolução Americana, cujo estandarte tinha também uma cobra enrolada, como na capa do Álbum Preto, e carregava o lema “Don’t tread on me” (de fato, uma réplica da bandeira permaneceu pendurada no One on One [estúdio] durante toda a gravação do álbum. “Os Estados Unidos são um lugar bom pra caralho”, James respondeu num tom desafiador à Rolling Stone. “É a minha opinião. E é um sentimento desencadeado por passar muito tempo na estrada. Você descobre do que gosta em certos lugares e porque mora nos Estados Unidos, mesmo com toda a merda. Ainda é o lugar onde as coisas acontecem” (WALL, 2012, p. 319-326).

Apesar da justificativa dada pela banda que a música tinha sido composta antes da invasão do Kuwait, como Wall (2012) disse, é possível que tenha relação com a Guerra do Golfo. No documentário *A Year and a Half in The Life of Metallica* (1992), em que a banda registrou o processo de gravação do Álbum Preto sua turnê de divulgação, uma cena mostrou os membros da banda assistindo o noticiário que mostrava as dimensões geopolíticas do conflito enquanto estavam na cozinha do estúdio *One on One*, em Los Angeles. Mais à frente, em uma seção de ensaio da música *Sad But True*, o documentário intercalou cenas da banda com cenas de Saddam Hussein, suas tropas e um soldado árabe/iraquiano atirando contra a imagem do ditador. Curiosamente, o documentário mostrou James Hetfield e Bob Rock assistindo atentamente o discurso de George Bush, em que ele se dirigiu à nação para anunciar a campanha aérea contra o Iraque. Dessa forma, é possível que o músico tenha sido influenciado pelo pensamento libertário em suas viagens entre 1988 e 1991, assim como o sentimento patriótico

que tomou o país que se encaminhava o fim da Guerra Fria e a consolidação do modelo Capitalista.

Com base em nossa coleta, entre 1991 e 2003, com exceção da canção *'Don't Tread On Me'*, nenhuma outra música com o tema guerra foi lançada pela banda em seus álbuns. Isso só ocorreria em 2008 com o lançamento do álbum *Death Magnetic*, mas não pelos motivos analisados nas canções anteriores, cujo tema era explicitamente crítico. A quarta faixa do álbum, a canção *The Day that Never Comes*, fala sobre amor, ressentimento e perdão. Nada em sua letra denota algum tipo de subtexto político. Contudo, a música recebeu um clipe dirigido pelo dinamarquês Thomas Vinterberg.

Figura 2 – *The Day that Never Comes*



Fonte: Metallica, *Death Magnetic*, 2008.

Nas cenas do clipe, é mostrado um veículo transportando fuzileiros navais dos EUA. O veículo é atingido por um dispositivo explosivo; embora eles tenham sobrevivido, um dos soldados foi ferido. O outro prestou os primeiros socorros, mas o seu companheiro ferido perdeu a consciência e foi socorrido por um helicóptero, deixando seu destino incerto. Mais tarde, o soldado sobrevivente liderou um esquadrão em uma patrulha quando se depararam com um homem com um cabo de ligação e uma mulher trajada com uma burca, em um carro quebrado. Acreditando que se trata de uma emboscada, o esquadrão os mantém sob a mira e ordenou que a mulher saísse do carro, mas a tensão aumentou quando ela se aproximou com as mãos para cima do fuzileiro naval. Embora o esquadrão desconfiava que ela pudesse ser uma homem-bomba, o soldado percebeu que eles não tinham a intenção de fazer mal e ordenou que o

esquadrão os ajudasse a empurrar o carro. Enquanto o homem e a mulher partem, o soldado para olhar o céu. Cenas da banda tocando no deserto são intercaladas no vídeo. A maneira como o soldado olhou para o céu aparenta representar uma reconciliação com aqueles que acreditava terem ferido seu parceiro, neste caso os árabes ou afegãos, já que a nacionalidade deles não fica clara.

Em uma entrevista para a MTV, Lars Ulrich disse que “é uma história sobre seres humanos que não se conhecem, numa situação particularmente tensa [...]. É realmente sobre perdão, redenção e compreensão do que se passa na mente das pessoas.” (HARRIS, 2008)²². Apesar dessa declaração, o clipe dá outro tom. Conforme explicou James Hetfield, que tentou desvincular a imagem da banda de qualquer insinuação de ativismo político com o clipe, disse:

Essa é a beleza, eu acho, de escrever letras vagas, mas poderosas – que alguém como um diretor de cinema possa interpretá-las à sua maneira e, obviamente, alguém criativo seja capaz de pegar as metáforas e aplicá-las a tudo o que precisa em sua própria vida. [...] O principal [tema do vídeo] é o elemento humano do perdão e de alguém te fazer mal, você sentir ressentimento e você ser capaz de enxergar isso na próxima situação que pode ser semelhante e não tirar sua raiva ou ressentimento na próxima pessoa e basicamente continuar espalhando a doença disso ao longo da vida... A única coisa que eu não estava interessado aqui era o Metallica se conectando a uma guerra moderna ou a um evento atual [que] pode ser interpretado como algum tipo de declaração política de nossa parte... Há tantas celebridades que defendem suas opiniões, e as pessoas acreditam que isso é mais válido porque são populares. Para nós, pessoas são pessoas – todos vocês devem ter a sua própria opinião. Esperamos que estejamos colocando o elemento humano naquela que é uma parte infeliz da vida. Tem gente ali lidando com situações como essa, e estamos mostrando o lado humano de estar ali (HARRIS, 2008)²³.

Apesar disso, o clipe da música foi lançado em um momento que os Estados Unidos estavam travando a Segunda Guerra do Iraque, assim como sua ação militar no Afeganistão ainda era uma realidade. Tanto a música como o clipe foram gravados e lançados antes da entrevista de James Hetfield ao canal alemão 3sat, mas não deixa de ser curioso que a direção de Vinterberg tenha passado pelo controle criativo da banda, assim como sua participação ao interpretarem a música no clipe.

²² Fonte: How Metallica Preached Forgiveness on 'The Day That Never Comes'. Disponível em: https://ultimateclassicrock.com/metallica-the-day-that-nevercomes/?utm_source=tsmclip&utm_medium=referral. Acessado em: 2 mai 2024.

²³ Fonte: How Metallica Preached Forgiveness on 'The Day That Never Comes'. Disponível em: https://ultimateclassicrock.com/metallica-the-day-that-nevercomes/?utm_source=tsmclip&utm_medium=referral. Acessado em: 2 mai 2024.

Por fim, o álbum *Hardwired... to Self-Destruct*, lançado em 2016, contou com o retorno de uma faixa cujo tema explícito é a guerra. Curiosamente, a canção *Confusion* é uma música sobre as consequências da reintegração de veteranos de guerra na sociedade.

Semelhante ao caso anterior, a canção *Confusion* também contou com um videoclipe. Diferente do caso da canção *The Day That Never Comes*, é mais explícito sobre seu tema político: lidar com a questão das dificuldades de veteranos de guerra. No clipe, a vida civil de uma soldado confunde-se com um campo de batalha – e vice-versa. “*Voltando da guerra, as peças não cabem mais*”, James Hetfield cantou; enquanto isso, a diretora Claire Marie Vogel alternou entre uma mulher lutando em uma zona de guerra e trabalhando em um escritório mundano.

Figura 3 – *Confusion*



Fonte: *Metallica*, 2016²⁴.

O clipe começa com a soldado armada derrubando a porta de um prédio abandonado, apenas para encontrar um telefone no chão. Depois de pegá-lo, ela volta para seu local de trabalho, onde itens comuns, incluindo um helicóptero de brinquedo, uma xícara de café e uma

²⁴ CONFUSION. Direção: Claire Marie Vogel. Intérprete: Metallica. YouTube: Blackned Records, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZChXK2rdr9M>. Acesso em: 3 maio 2024.

pilha de papel de copiadora, desencadeiam imagens de seu serviço militar. Na imagem acima, a mulher confronta a si mesma, mas vestida com uniforme militar. Elas brigam, como se sua personalidade sofrida pelos horrores da guerra quisesse matar sua versão civil. No fim, elas se abraçam, algo que pode representar a reconciliação consigo mesma. Como é dito na segunda estrofe:

Deixe o campo de batalha
Ainda que seus horrores nunca cicatrizam
Voltando para casa da guerra
As peças não se encaixam mais
Faça isso ir embora
Por favor, faça isso ir embora
(HETFIELD, ULRICH, HAMMETT, TRUJILLO, 2016).

“*Delusão / toda sanidade é apenas uma memória*”, canta Hetfield, lamentando: “Minha vida: a guerra que nunca termina”. Como podemos ver pela letra, os músicos tentaram representar as dificuldades de veteranos de guerra ao se reintegrarem após seu serviço militar, que por conta das últimas ações dos Estados Unidos no Iraque e no Afeganistão, levou muitas pessoas a incursões nesse período. Segundo o *U.S. Department of Veterans Affairs*, o número de veteranos de guerra nos Estados Unidos decaiu de 26.3 milhões de pessoas para 18.1 milhões entre 2000 e 2023 (U.S. DEPARTMENT OF VETERANS AFFAIRS, 2023). No caso da participação feminina nas forças armadas como veteranas, o número aumentou de 6% em 2000 para 11% em 2023. Até setembro de 2023, a população de veteranos de guerra entre o a guerra do Golfo e o fim do 11/09 era de 3.683.895 soldados (NATIONAL, 2024).

Como explicar a postura da banda em lançar tanto uma música como um clipe cujo tema é tão político em seu país quanto a reintegração de veteranos de guerra e suas experiências traumáticas? É possível pensar essa abordagem por dois primas: um pelo viés capitalista, outro pelo viés artístico. Uma banda grande e bem-sucedida é, invariavelmente, uma empresa e como tal o lucro é importante. Dessa forma, compor uma música da qual o público alvo seja tão grande quanto 18 milhões de pessoas seja uma estratégia financeira lógica. O outro aspecto podemos levar em consideração o tamanho da carga cultural que a cultura política militarista exerce na sociedade estadunidense, a ponto de buscar representar o público militar, os veteranos de guerra, como uma forma de representar seus medos e seus fardos, de modo a homenageá-los. Segundo Puri (2010), a representação da guerra no heavy metal coloca “os

verdadeiros protagonistas da guerra [que] podem buscar inspiração ou consolo na música [do] metal, sejam eles os soldados que travam a guerra ou os civis que a sobrevivem” (PURI, 2010).

Considerações finais

Como observado, a postura apolítica da banda defendida tão ferrenhamente pelo vocalista James Hetfield contrasta e muito com seus trabalhos, especialmente entre os anos de 1984 a 1988. A representação da guerra feita pelo *Metallica* em suas canções aqui analisadas mostram uma característica muito importante e fundamental da arte: a crítica, seja ela contra ou a favor. Dentro do *Heavy Metal*, há bandas cujo tema principal é a representação da guerra, como a sueca *Sabaton*, a britânica *Iron Maiden* ou a estadunidense *Iced Earth*, mas que muitas vezes suas músicas giram em torno de uma “veneração patriótica da história militar” (PURI, 2010). Como vimos as canções são mais críticas à maneira como a guerra é representada de forma romântica, buscando representar conflitos militares de forma mais crua e visceral.

Por fim, especificamente sobre o *Metallica*, a crítica dos fãs de que eles “se venderam” faz um certo sentido. A postura apolítica do vocalista James Hetfield reflete uma lógica de mercado que é voltada para todos onde o dinheiro está e não para um nicho. Uma banda da escala monumental que é o *Metallica*, cuja estrutura logística e operacional levada em seus shows os alça à um empreendimento lucrativo. Eles se tornaram uma empresa, um empreendimento financeiro e o objetivo de toda empresa, em última instância, é o lucro. Em anos anteriores, as políticas da banda acabaram saindo pela culatra ao atingirem seus próprios fãs, como foi o caso da batalha judicial por direitos autorais contra o programa de *downloads Napster*, algo que feriu a reputação da banda. Assim, a postura de Hetfield pode ser tanto uma maneira de evitar polêmicas, já que correriam o risco de perder fãs com uma postura política mais aberta, como também é uma forma de não perder os fãs “do outro lado do muro” ao revelar suas próprias crenças políticas, algo que suspeitamos ser voltada à direita. Dessa forma, uma análise das canções da banda nos ajudou a não esquecer como o contexto cultural influencia os artistas, como revela que a tentativa de James Hetfield em tentar manter uma postura apolítica, diferente de seus colegas, é política por si só.

Referências

A YEAR and a Half in The Life of Metallica. Direção: Adam Dubin. Produção: Juliana Roberts, Jack Gullick. Mundial: Elektra Records, 1992. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KFdVt8YEDzU&t=10s>. Acesso em: 2 maio 2024.

BALABER MOUTH. **Metallica Shares Lyric Videos For '72 Seasons' Title Track In Eight Different Languages**. [S. l.], 15 abr. 2023. Disponível em: <https://blabbermouth.net/news/metallica-shares-lyric-videos-for-72-seasons-title-track-in-eight-different-languages>. Acesso em: 5 jun. 2024.

BEST SELLING ALBUMS. **Metallica Album Sales**. Disponível em: https://bestsellingalbums.org/artist/8791#METALLICA_albums_ranked_by_sales. Acesso em: 4 set. 2024.

BUTS, Jeroen. **The Thematical and Stylistic Evolution of Heavy Metal Lyrics and Imagery: From the 70s to Present Day**. Orientador: Prof. Dr. Gert Buelens. 2010. Tese (Doutorado) - Universiteit Gent, [S. l.], 2010. Disponível em: https://libstore.ugent.be/fulltxt/RUG01/001/414/985/RUG01-001414985_2010_0001_AC.pdf. Acesso em: 4 set. 2024.

CONFUSION. Direção: Claire Marie Vogel. Intérprete: **Metallica**. YouTube: Blackned Records, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZChXK2rdr9M&pp=ygUTbWV0YWxsaWNhIGNvbmZlcn2lvcG%3D%3D>. Acesso em: 3 maio 2024.

CONFUSION. Intérprete: Metallica. Compositores: Lars Ulrich, James Hetfield e Robert Trujillo. In: ULRICH, Lars; HETFIELD, James; TRUJILLO, Robert. ...**And Justice for All**. Estados Unidos: Blackned Records, 2016.1. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZChXK2rdr9M&pp=ygUTbWV0YWxsaWNhIGNvbmZlcn2lvcG%3D%3D>. Acesso em: 5 jun. 2024.

DISPOSABLE Heroes. Intérprete: Metallica. Compositores: Lars Ulrich, James Hetfield e Cliff Burton. In: ULRICH, Lars; HETFIELD, James; BURTON, Cliff. **Master of Puppets**. Estados Unidos: Elektra Records, 1986.1. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dzssbzIsmqU&pp=ygUbbWV0YWxsaWNhIGRpc3Bvc2FibGUgaGVyb2Vz>. Acesso em: 5 jun. 2024.

FIGHT Fire with Fire. Intérprete: Metallica. Compositores: Lars Ulrich, James Hetfield e Cliff Burton. In: ULRICH, Lars; HETFIELD, James; BURTON, Cliff. **Ride the Lightning**. Estados Unidos: Elektra Records, 1984.1. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8zSODUOoE8w&pp=ygUebWV0YWxsaWNhIGZpZ2h0IGZpcmUgd2l0aCBmaXJl>. Acesso em: 5 jun. 2024.

FOR Whom the Bell Tolls. Intérprete: Metallica. Compositores: Lars Ulrich, James Hetfield e Cliff Burton. In: ULRICH, Lars; HETFIELD, James; BURTON, Cliff. **Ride the Lightning**. Estados Unidos: Elektra Records, 1984.1. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=B_HSa1dEL9s&pp=ygUhWV0YWxsaWNhIGZvcjB3aG9tIHRoZSBiZWxsIHRvbGxz. Acesso em: 5 jun. 2024.

HOBBSAWM, Eric: **A Era dos Extremos**. São Paulo: Companhia das Letras. 1995.

HYPNOTIZING Power: **The Story of Master of Puppets**. Direção: Stuart Kirwan. Produção: Stuart Kirwan. YouTube: [s. n.], 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XQ-XIOUe0jI&t=1971s>. Acesso em: 6 jun. 2024.

HARRIS, Chris. Metallica Tackle Forgiveness, Resentment In ‘The Day That Never Comes’ Clip. **MTV**, Online, 1 ago. 2008. Disponível em: <https://www.mtv.com/news/arlm0m/metallica-tackle-forgiveness-resentment-in-the-day-that-never-comes-clip>. Acesso em: 2 maio 2024.

LEÃO, Tom. **Heavy Metal**: Guitarras em Fúria. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1997.

MAIOCCHI, Roberto. **A Era Atômica**: Século XX. 1. ed. São Paulo: Ática. 1993.

METALLICA. **Ride the Lightning**. Compositor: James Hetfield; Lars Ulrich; Cliff Burton; Kirk Hammett. Intérprete: Metallica. Estados Unidos: Elektra Records, 1984.

METALLICA. **Master of Puppets**. Compositor: James Hetfield; Lars Ulrich; Cliff Burton; Kirk Hammett. Intérprete: Metallica. Estados Unidos: Elektra Records, 1988.

METALLICA. **And Justice for All**. Compositor: James Hetfield; Lars Ulrich; Kirk Hammett; Jason Newsted. Intérprete: Metallica. Estados Unidos: Elektra Records, 1988.

METALLICA. **Metallica**. Compositor: James Hetfield; Lars Ulrich; Kirk Hammett; Jason Newsted. Intérprete: Metallica. Estados Unidos: Elektra Records, 1991.

METALLICA. **Death Magnetic**. Compositor: James Hetfield; Lars Ulrich; Kirk Hammett; Robert Trujillo. Intérprete: Metallica. Estados Unidos: Warner Bros, 2008.

METALLICA. **Hardwired... to Self-Destruct**. Compositor: James Hetfield; Lars Ulrich; Kirk Hammett; Robert Trujillo. Intérprete: Metallica. Estados Unidos: Blackened Records, 2016.

NATIONAL Center for Veterans Analysis and Statistics. *In: U.S. Department of Veterans Affairs*. Online, 7 jun. 2024. Disponível em: https://www.va.gov/vetdata/Veteran_Population.asp. Acesso em: 7 jun. 2024.

ONE. Intérprete: Metallica. Compositores: Lars Ulrich, James Hetfield e Jason Newsted. In: ULRICH, Lars; HETFIELD, James; NEWSTED, Jason. ...**And Justice for All**. Estados Unidos: Elektra Records, 1988.1. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=apK2jCrfsnk&pp=ygUNbWV0YWxsaWNhIG9uZQ%3D%3D>. Acesso em: 5 jun. 2024.

PURI, Samir. **Heavy Metal’s Portrayal of Warfare Obsession and Sonic Violence**. *In: ENTERTAINMENT, Atmostfear. Opinions*. [S. l.], 3 out. 2010. Disponível em: <https://www.com/opinions/listenings/heavy-metal-portrayal-warfare-obsession-sonic-violence/>. Acesso em: 5 jun. 2024.

SETLIST FM. **Metallica**: Tour Statistics. Disponível em: <https://www.setlist.fm/stats/metallica-3bd680c8.html>. Acesso em: 4 set. 2024.

SILVA, Kalina Vanderlei. **Dicionário de conceitos históricos** / Kalina Vanderlei Silva, Maciel Henrique Silva. – 2.ed., 2ª reimpressão. – São Paulo : Contexto, 2009.

THE DAY that Never Comes. Direção: Thomas Vinterberg. Intérprete: **Metallica**. Mundial: Warner Bros, 2008. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K6AJuRK2NE4>. Acesso em: 3 maio 2024.

U.S. DEPARTMENT OF VETERANS AFFAIRS. VETERANS DAY 2023. *In*: **U.S. Department of Veterans Affairs**. [S. l.], 2023. Disponível em: [https://www.data.va.gov/stories/s/Veterans-Day-2023/4gqv-ddx7/#:~:text=Overall%2C%20the%20Veteran%20population%20in,in%20FY%202023%20\(2\)](https://www.data.va.gov/stories/s/Veterans-Day-2023/4gqv-ddx7/#:~:text=Overall%2C%20the%20Veteran%20population%20in,in%20FY%202023%20(2)). Acesso em: 6 jun. 2024.

U.S. DEPARTMENT OF VETERANS AFFAIRS. VETERANS DAY 2023. National Center for Veterans Analysis and Statistics. *In*: **U.S. Department of Veterans Affairs**. Online, 7 jun. 2024. Disponível em: https://www.va.gov/vetdata/Veteran_Population.asp. Acesso em: 7 jun. 2024.

WALL, Mick. **Metallica**: a biografia. São Paulo: Globo, 2012.

Recebido em: 12 de junho de 2024

Aceito em: 8 de setembro de 2024
